O Não-me-esqueças

Christoph von Schmid

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Minna era uma senhorita muito bondosa e caridosa. Compartilhava de boa vontade tudo o que tinha. Fazia peças de roupa para crianças pobres; mandava alimentos revigorantes aos doentes pobres e, de vez em quando, até os levava pessoalmente; sentia a mais sincera alegria quando podia socorrer alguém necessitado com o dinheiro de sua mesada. Mas, por mais difícil que fosse acreditar, apesar de toda a sua bondade, ainda causava tristeza a muitas pessoas boas, pois era — muito esquecida. Prometia muitas coisas nas quais já não pensava no dia seguinte. Às vezes, gastava uma quantia em coisas de que não precisava e só depois, quando este ou aquele pobre lhe implorava ajuda, lembrava-se do grande benefício que poderia ter feito com o dinheiro gasto inutilmente. Ora se esquecia de regar as belas plantas floridas diante das janelas do grande salão do castelo, que tinham sido confiadas aos seus cuidados, e elas secavam, para grande desgosto de sua mãe; ora ela, que não era capaz de fazer mal de propósito nem à mais insignificante criatura, quase deixava seu canarinho morrer de fome, por ter se esquecido de lhe dar comida.

Na aldeia, não muito longe do castelo de Minna, morava uma senhorita pobre chamada Sophie. Seu pai, o capitão von Brühl, um oficial de grandes méritos e digno de respeito, ficara incapacitado para continuar no serviço em consequência dos ferimentos que recebera e vivia de sua pensão. Retirara-se para o campo, a fim de poder viver com menos despesas. Mesmo assim, sua pequena renda mal dava para o sustento. Além disso, a pensão nem sempre

lhe era paga regularmente e, naquele momento, já havia alguns meses que nada recebia.

Nesse meio-tempo, Sophie, sua única filha, sustentava-o com costura, bordados e outros trabalhos femininos. A senhorita Minna tinha grande estima pela nobre Sophie, encomendava-lhe diversos trabalhos, tomava com ela aulas de bordado, no qual Sophie era uma mestra, pagava-lhe muito generosamente e nunca a chamava de outra coisa senão de sua querida amiga. Mas também essa amiga foi algumas vezes profundamente entristecida pelo esquecimento de Minna.

Certa vez, a mãe de Minna adoecera gravemente. Chamaram um médico famoso de uma cidade distante. Minna prometera pedir-lhe que aproveitasse a ocasião para visitar o pai de Sophie, que muitas vezes sofria bastante com as consequências dos ferimentos. Assim que soube da chegada do médico, Sophie correu ao castelo para lembrar Minna de sua promessa. Mas o médico já havia partido uma hora antes. Só no instante em que Sophie entrou no quarto Minna voltou a se lembrar da promessa. Ficou muito consternada, pediu perdão a Sophie e sentiu tanta pena do respeitável doente que derramou lágrimas ardentes. Mas já era tarde demais para mandar chamar de volta o médico de fora!

De outra feita, Minna quis bordar, com a ajuda de Sophie, um anteparo para luz, como presente para o dia do santo de sua mãe. Levou a Sophie um desenho colorido que representava uma grinalda de flores que dificilmente poderia ser mais bonita. Sophie disse: “Faremos a grinalda sem dificuldade. Mas creio que terei de ir pessoalmente à cidade comprar seda, pois, para reproduzir com exatidão as cores das flores e suas delicadas gradações, é preciso escolher com muito cuidado a seda tingida.” “Seria de fato o melhor”, disse Minna, “se você, bondosa amiga, quisesse se dar a esse trabalho.

Enquanto isso, providenciarei um pequeno almoço para seu pai doente e eu mesma o levarei." Sophie confiou na palavra de Minna e foi à cidade. Mas eis que, inesperadamente, uma família nobre da cidade chegou ao castelo — e, em meio à alegria e às ocupações que aquela visita lhe trouxe, Minna não voltou a pensar em sua promessa. O capitão doente não podia sair. Como os moradores da aldeia estavam nos prados, ocupados com o feno, ele também não pôde chamar nenhum vizinho. Enquanto no castelo todos viviam na abundância, teve de se contentar com água e pão, em lugar do almoço prometido.

Na manhã seguinte, Minna foi passear pelos arredores da aldeia com as duas senhoritas de fora. Sophie estava regando um pequeno pedaço de linho que fiara nas longas noites de inverno e que agora estendera para alvejar no pequeno gramado entre sua casa e o riacho. Minna se assustou ao avistar Sophie, pois só então voltou a se lembrar da promessa. Mas Sophie era modesta demais para fazer censuras à consternada senhorita, sobretudo na presença de outras mulheres. Ainda assim, queria dar-lhe a entender que, dali em diante, não devia ser tão esquecida.

Sophie convidou as três mulheres a conhecer seu pequeno jardim. Elas entraram e elogiaram as roseiras em flor que Sophie plantara e os não-me-esqueças que cresciam espontaneamente à beira do riacho. Em seguida, Sophie as levou à sua pequena e asseada sala e, a pedido de Minna, mostrou-lhes seus trabalhos. Enquanto as senhoritas examinavam e admiravam os belos bordados, Sophie foi ao jardim e trouxe um pequeno presente de flores. Entregou uma rosa a cada uma das senhoritas de fora, mas à esquecida Minna deu um ramalhete de não-me-esqueças, ao qual apenas acrescentara algumas folhinhas verdes perfumadas. Minna compreendeu o que Sophie queria dizer com aquilo. Percebeu a delicadeza com que Sophie a poupara e, no íntimo, agradeceu-lhe por censurar seu esquecimento de

maneira tão fina. “De fato, você sabe quais são as florzinhas que mais combinam comigo!”, disse, e, corando, prendeu o ramalhete azul ao peito.

Minna voltou ao castelo com as duas senhoritas e as acompanhou ao quarto que lhes fora destinado. Puseram as flores num copo que estava em um canto da janela e no qual ainda havia um pouco de água. Várias semanas depois, Minna entrou por acaso no quarto. As senhoritas de fora tinham levado suas rosas, mas Minna se esquecera até de seus não-me-esqueças. Todas as folhinhas perfumadas do ramalhete estavam secas; as flores de não-me-esqueças, porém, continuavam de um azul tão vivo, e as delicadas folhinhas verdes que traziam estavam tão frescas e bonitas, como se tivessem acabado de ser colhidas à beira do riacho. Minna se admirou. “Como isso é possível”, disse, “se não há mais uma gotinha de água no copo e todas as outras folhinhas do ramalhete estão descoradas e amarelas, como folhas secas?” Examinou as florzinhas mais de perto e, vejam só, não eram não-me-esqueças naturais! Sophie, que era extraordinariamente hábil em recortar pequenas flores, é que as fizera. A forma e a cor imitavam a natureza com tamanha fidelidade que era inevitável tomar aquelas florzinhas artificiais por naturais.

“Ó, boa Sophie”, pensou Minna, “você tem razão! Eu a compreendo. Sim, preciso de um lembrete constante. Estas florzinhas que não murcham devem me dizer sempre: ‘Não me esqueças!’ Sim, querida amiga, agora não vou mais me esquecer de você. De agora em diante, usarei estas florzinhas para me lembrar sempre do meu dever!”

Retirou as simpáticas florzinhas de entre as folhas secas e as pôs numa pequena urna, de trabalho delicado e belamente dourada, destinada a servir de suporte para pequenos ramalhetes de flores artificiais. Correu com ela até Sophie, agradeceu-lhe a engenhosa repreensão e elogiou seu excelente trabalho. “Daqui em diante, sempre que eu prometer alguma coisa”, disse,

“porei estes graciosos não-me-esqueças sobre minha mesinha de trabalho ou meu piano e os deixarei ali até cumprir a promessa.”

“Bravo! Bravo!”, disse o capitão. “Faça assim. Quando quero me lembrar bem de alguma coisa, ponho um pedacinho de papel nesta minha caixinha; meu sargento sempre dava um nó no lenço. Para uma senhorita, porém, uma florzinha é sempre um sinal mais delicado. Não tenho nada contra terem escolhido a mais encantadora florzinha dos campos como símbolo da lembrança entre amigos e lhe terem dado o nome de não-me-esqueças. Mas usar a graciosa florzinha para nos lembrar dos deveres de nossa condição, sobretudo do sagrado dever da caridade — isso é ainda mais bonito! É uma feliz ideia; agrada-me muito!”

Minna cumpriu a palavra; os encantadores não-me-esqueças se tornaram uma grande bênção para ela e para muitos necessitados. Mais de um doente pobre, de quem Minna talvez se esquecesse de outro modo, devia às pequenas flores uma sopa substanciosa, uma garrafa de bom vinho ou uma quantia em dinheiro. Muitas tarefas que, de outro modo, ficariam por fazer passaram a ser cumpridas pontualmente — e Minna poupou a si mesma muitas aflições, remorsos e contrariedades.

A mãe de Minna logo percebeu quanto sua filha melhorara. “Como foi isso?”, perguntou. “Você já não se esquece nem da menor coisa. Como conseguiu?”

Minna contou o pequeno episódio das flores de não-me-esqueças, e a mãe ficou muito contente. “Vocês são boas meninas”, disse. “Vou pensar em lhes dar também uma alegria.” Mandou um ourives da cidade fazer dois anéis do ouro mais puro; em cada anel havia uma flor de não-me-esqueças feita de pedras preciosas claras — cinco safiras azul-celeste e um diamante amarelo-claro no centro.

Quando os anéis chegaram, deu um deles à sua Minna, que se havia emendado. “Use este anel”, disse, “como até agora usou a florzinha. Se tiver prometido algo a alguém ou tiver uma tarefa importante a cumprir, ponha no dedo o anel com o não-me-esqueças e não o tire até cumprir sua palavra ou terminar a tarefa. Este outro anel, porém, leve à sua querida amiga Sophie. A maneira fina com que ela a corrigiu merece uma pequena recompensa. O simpático não-me-esqueças que ela lhe deu é um presente mais precioso do que este anel de ouro e pedras preciosas.”

Minna correu imediatamente até Sophie com o anel. “Você de fato não precisa usar um anel assim!”, disse Minna. “Nunca se esquece nem do menor dever. Mas use o anel em lembrança de uma amiga a quem você fez um grande benefício com aquelas florzinhas.”

“Ó, minha bondosa amiga”, disse Sophie, “quem não precisa ser lembrado de seu dever! Sempre que virmos o precioso não-me-esqueças nestes anéis, vamos nos propor a fazer alguma coisa boa; vamos, sempre que estiver em nosso poder, reconfortar um pobre ou dar uma alegria a alguma pessoa boa.” As duas apertaram as mãos para selar a promessa.

“Muito bem, minhas meninas!”, disse o capitão. “E quem não tiver condições de usar anéis assim deve ao menos, sempre que vir um não-me-esqueças à beira do riacho ou em qualquer prado, tomar a resolução de fazer alguma coisa boa. Acima de tudo, porém, ao contemplar as graciosas florzinhas, deve pensar Naquele que as criou e de Quem cada florzinha deve nos lembrar. Cada não-me-esqueças dos campos terá então para ele ainda mais valor do que se a plantinha inteira fosse de ouro e cada pétala fosse uma pedra preciosa.”

O episódio do não-me-esqueças teve ainda outra boa consequência. Quando o inverno se aproximava, os belos campos ao redor do castelo apareciam de

manhã cobertos de geada branca e ventos ásperos sopravam em torno do castelo, Minna voltou com sua mãe à cidade da residência do príncipe. O anel de não-me-esqueças agradou a todas as amigas de Minna e às mães delas. Usar anéis assim entrou na moda. A história que dera origem àqueles anéis se tornou conhecida por toda parte, até na corte. O não-me-esqueças fez o príncipe se lembrar novamente do velho e valente capitão, a quem conhecia e estimava. O tesoureiro que se esquecera de pagar a pensão no devido tempo recebeu uma repreensão que foi para ele um não-me-esqueças muito sério. Ao honrado capitão, porém, cuja pobreza só então se tornou conhecida, o bondoso príncipe concedeu um acréscimo considerável à pensão — e o respeitável guerreiro dizia com muita frequência: “Quantos benefícios Deus fez a mim e a outros por meio de um não-me-esqueças!”

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-nao-me-esquecas-christoph-von-schmid